

ONTOLOGIA ORIENTADA A OBJETOS E O IMPASSE DO TEMPO

Matheus Barbosa Rodrigues¹

Resumo: Trata-se de propor uma avaliação crítica do *estatuto do tempo* na *Ontologia Orientada a Objetos* (OOO) de Graham Harman. Primeiro, retomamos os elementos em torno dos quais se funda sua doutrina: a crítica ao reducionismo, a estrutura quádrupla do objeto e a teoria da causalidade indireta. Em seguida, sustentamos que a prioridade do objeto sobre o tempo conduz a um *efeito bumerangue*: a objeção lançada contra as filosofias do processo termina se voltando contra ela mesma, pois Harman supõe o objeto em vez de explicar sua gênese. Enfim, apontamos como o impasse do tempo constitui um dos nós centrais da OOO, cujas linhas oscilam entre a necessidade ou de um aprofundamento ou de uma ruptura com a doutrina do *objeto withdrawal*.

Palavras-Chave: Ontologia Orientada a Objetos, Graham Harman, processo, tempo.

Abstract: This work proposes a critical assessment of the status of time in Graham Harman's *object-oriented ontology* (OOO). First, we revisit the elements around which his doctrine of time is founded: the critique of reductionism, the quadruple structure of the object, and the theory of indirect causality. Next, we argue that the priority of the object over time leads OOO to a *boomerang effect*: the objection raised against process philosophies ends up turning against itself, as Harman has to presuppose the object instead of explaining its genesis. Finally, we point out how the impasse of time constitutes one of the central nodes in the debates surrounding OOO, whose lines oscillate between the need for either a deepening or a rupture with Harman's doctrine of *object withdrawal*.

Keywords: Object-Oriented Ontology, Graham Harman, process, time.

¹ Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Contato: matheus_b_rodrigues@hotmail.com. Este trabalho faz parte de uma pesquisa financiada pela FAPESP, processo n 2021/02383-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Introdução

Graham Harman é um dos principais nomes do movimento contemporâneo associado ao que ficou conhecido como *realismo especulativo*. Entre as filosofias que reivindicam uma atenção renovada para a realidade, ele se consolidou como o difusor da *Ontologia Orientada a Objetos* (OOO).

Todo o esforço de Harman está voltado para garantir a autonomia dos objetos frente a atores ou princípios ontológicos privilegiados. Nesse sentido, a OOO argumenta que apenas o compromisso com um “excesso” substancial dos objetos é capaz de sustentar a multiplicidade de entidades que povoam o universo. O *objeto* ganha um sentido ampliado, dizendo respeito aquilo que é *ontologicamente irreduzível* (YOUNG, 2021a, p. 31). Se tudo é de uma forma ou de outra um objeto, é porque uma entidade não se reduz nem às suas peças e processos constitutivos, nem às suas relações e efeitos em outros seres. Segundo Harman, há algo que se retira (*withdrawal*) do nosso acesso direto, que não pode ser reduzido nem “por baixo” – *undermining* – e nem “por cima” – *overmining*. Esta é a premissa fundamental da OOO, presente desde o primeiro livro de Harman, *Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects* (2002). Os objetos são sempre atravessados por um *excesso* que nunca se torna presente, que vale tanto para a percepção humana de uma casa ou de uma árvore, quanto para, diz ele, “a pura interação causal entre rochas ou gotas de chuva” (HARMAN, 2002, tradução nossa, p. 2)².

A doutrina do *objeto withdrawal* abre uma série de embates filosóficos. Em particular, e para o que vai nos interessar no presente artigo, Harman recusa ontologias baseadas em uma concepção *processual* da realidade, pois, no seu entendimento, trata-se de filosofias pautadas pela atitude crítica *contra os objetos*. Segundo a filosofia da biologia de Gilbert Simondon, mesmo que o mundo não se reduza a uma unidade homogênea primária, ainda assim, diz Harman, “objetos continuam sendo *nada mais que* a atualização derivada de uma realidade mais profunda” (HARMAN, 2011, tradução nossa, p. 23)³. Quando Henri Bergson prioriza os fluxos e os devires temos o mesmo resultado: “o objeto é tratado como *nada mais*

² “If the human perception of a house or tree is forever haunted by some hidden surplus in the things that never becomes present, the same is true of the sheer causal interaction between rocks or raindrops” (HARMAN, 2002, p. 2).

³ “For these more nuanced heirs of the monist position, the object is still nothing more than the derivative actualization of a deeper reality—one that is more diverse than a lump, but also more continuous than specific horses, rocks, armies, and trees” (HARMAN, 2011, p. 23).

que a cristalização fugaz de algum impulso ou trajetória que nunca pode ser confinada a um único momento” (HARMAN, 2011, tradução nossa, p. 23)⁴. Ou ainda, diz ele:

Mais recentemente, o renascimento das correntes bergsonianas por Deleuze e Gilbert Simondon levou a uma maior ênfase no processo de individuação, ao mesmo tempo em que incutiu suspeitas sobre a preocupação da OOO com ‘indivíduos totalmente formados’ (HARMAN, 2020, tradução nossa, p. 60)⁵.

Dentro deste quadro, foi acordado por Harman e pela OOO que a retomada das filosofias do processo por pensadores como Manuel DeLanda, Rosi Braidotti e Jane Bennett representa a antípoda da *Ontologia orientada a Objetos*⁶. Seguindo o *Deleuze-Simondon-Bergsonismo* das filosofias processuais, fariamos eco à orientação contra os objetos. Afirmamos a prioridade dos processos contínuos sobre as entidades discretas, dos processos de individuação sobre os indivíduos completamente formados. Com efeito, objetos não podem ser o centro da ontologia. Em vez de princípio motor da realidade, a diversidade dos seres atuais emerge como derivação secundária, cristalização ou estado provisório de fluxos mais profundos. Na visão de Harman, o que sobra é uma variação da estratégia de *undermining*, definida por ele como *monismo dos processos pré-individuais*.

Filosofias orientadas ao processo andam de mãos dadas com o *realismo do tempo*. Nenhuma essência metafísica determinaria o indivíduo, dado que sua existência se desenrola no tecido temporal do universo. Da perspectiva de Harman, é aqui que está o problema: o tempo

⁴ “For others such as Bergson, it is flux or becoming that is primary, such that any theory of the object defined as a specific individual in a specific instant would be a fool’s errand. Here the object is treated as nothing more than the fleeting crystallization of some impulse or trajectory that can never be confined to a single moment” (HARMAN, 2011, p. 23).

⁵ “More recently, the revival of Bergsonian currents by Deleuze and Gilbert Simondon has led to increased emphasis on the process of individuation while instilling suspicion about the OOO concern with ‘fully-formed individuals’” (HARMAN, 2020, p. 60).

⁶ Filosofias orientadas ao processo podem ser rotuladas como *novos materialismos*. Nesse sentido, em *Vibrant Matter* (2010), Bennett diz: “No “Tratado de Nomadologia”, Deleuze e Félix Guattari experimentam a ideia de um “vitalismo material”, segundo o qual a vitalidade é imanente à matéria-energia (...)” (BENNETT, 2010, tradução nossa, p. X). Braidotti visa algo parecido ao afirmar: “Deleuze propõe, em vez disso, uma forma de neomaterialismo e uma mistura de vitalismo que esteja em sintonia com a era tecnológica. Pensar através do corpo, e não em separação” (BRAIDOTTI, 2000, tradução nossa, p. 160). Enfim, em entrevista concedida para Konrad Becker e Miss M. em *Virtual Futures*, DeLanda reivindica o título: “Eu chamo isso de “neo-materialismo” porque é uma forma da velha filosofia chamada materialismo, mas é nova porque, ao incorporar teorias de auto-organização, a própria matéria e energia, sem humanos e mesmo sem vida, são capazes de gerar ordem espontaneamente” (DELANDA, 2015, tradução nossa).

ganha precedência e prioridade ontológica. Sem um *substrato* que individualiza o objeto e o torna mais do que seus processos, torna-se impossível explicar como ele emerge em meio às correntezas do devir. Para deter realidade e estatuto ontológico, o objeto precisaria manifestar alguma autonomia e eficiência causal, para além do nível anterior da organização das suas partes, relações e processos constitutivos. Afinal, qual o estatuto de algo como uma “árvore”, aqui e agora, fora sua origem no tempo? O que faz de um pinheiro mais do que o agregado de suas folhas, caules, raízes e frutos ou do que suas interações com insetos, o sol e a terra que o circunda?

Eis a aposta de Harman: para dar conta da emergência de entidades autônomas, a prioridade do tempo tem que ser revertida. Há algo que se retira (*withdrawal*) do nosso acesso direto, bem como escapa aos reducionismos dos objetos, seja “por baixo” ou “por cima”. Para emergir em meio à floresta, o pinheiro precisa guardar uma dimensão subterrânea que é mais do que suas peças e processos e menos do que seus efeitos. Resta admitir que o que sustenta a realidade é um objeto que, ele mesmo, não é temporal. Finalmente, de fundamento ontológico, o tempo é rebaixado à tensão sensitiva entre objeto e suas qualidades.

No presente artigo, propomos uma avaliação crítica do “tempo sem temporalidade” de Harman. Em um primeiro momento, introduzimos os principais elementos da sua doutrina: a *crítica ao reducionismo*, a *estrutura quádrupla do objeto* e a teoria da *causalidade indireta* que a acompanha. Em seguida, defendemos que a postulação da prioridade do objeto sobre o tempo está condenada a um *efeito bumerangue*. De uma forma ou de outra, a objeção lançada contra as filosofias do processo termina se voltando contra ela mesma: explicamos a emergência dos objetos supondo-a ao invés de retrazando sua gênese. Por fim, apontamos como o impasse do tempo constitui um dos nós centrais nos debates atuais em torno da OOO, cujas direções oscilam entre a necessidade ou de um aprofundamento ou de uma ruptura com a doutrina do *objeto withdrawal* de Harman.

1. A subminação e a supraminação do objeto

A partir de *O objeto quádruplo* (2010), podemos sobrevoar as duas frentes que organizam a OOO, uma negativa e outra positiva. De acordo com Harman, duas investidas contra os objetos dominaram a filosofia ocidental. A primeira delas está ligada com a estratégia de *subminação* (*démolition /undermining*). Trata-se da suposição de que objetos são construídos

por alguma realidade primária, de maneira que eles assumem um papel necessariamente secundário. Essa realidade mais profunda, diz Harman, “é o tema que importa para a filosofia” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 14)⁷.

A estratégia de *subminação* se apresenta desde os pré-socráticos sob a forma de uma dupla orientação. Por um lado, Tales, Demócrito, Anaxímenes e Empédocles são representantes da redução da realidade aos elementos básicos na origem de todas as coisas - sendo a teoria dos “quarks” ou “cordas infinitesimais” versões contemporâneas do mesmo gesto. Por outro lado, Parmênides apresenta a redução monista para um Uno fundamental, reencenada por filosofias como as de Levinas e Jean-Luc Nancy. Por fim, essa dupla orientação se reúne em um terceiro caso de *subminação*. Na linha que passa por Bergson, Simondon, Deleuze e, mais recentemente, Manuel DeLanda, Harman enxerga a orientação para um *monismo das coisas pré-individuais*. Em seu mais profundo, a realidade seria um “plano de virtualidade ‘heterogêneo, mas contínuo’” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 15-16)⁸.

Os *monismos do pré-individual* não se reduzem a um materialismo científico. Quer dizer, o objeto supõe processos que excedem o mero agregado de suas partes. Para Harman, o problema é que a priorização dos processos resulta no desmantelamento da independência do objeto. Ou melhor, esbarramos em um impasse. Se a realidade pré-individual contém as sementes dos seres individuais, sobriariam duas alternativas: “então estas sementes ou são distintas umas das outras ou elas não são” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 16)⁹. Se defendemos uma unidade dos fluxos e do devir, voltamos ao monismo. Mas se dizemos que os fluxos são vários, então precisamos supor a unidade do objeto como o que confere algum aspecto específico e integral às coisas. Dizer que os objetos são estados cristalizados ou provisórios não resolve: “pois se dizemos que algum cachorro ou lua específica é meramente uma abstração de um fluxo mais profundo, ainda precisamos perguntar se o mundo é um fluxo

⁷ “Les chiens, les bougies, les flocons de neige que nous observons sont tous faits de quelque chose de plus basique, et c’est cette réalité plus profonde qui est le véritable sujet de la philosophie” (HARMAN, 2010, p. 14).

⁸ “Gilbert Simondon a proposé une théorie proche, ainsi que Manuel DeLanda qui parle (à la manière de Bergson) d’un plan de virtualité ‘hétérogène et pourtant continu’” (HARMAN, 2010, p. 15-16).

⁹ “Car si cette réalité plus profonde contient les semences des choses individuelles, ces semences ou bien sont distinctes les une des autres ou bien ne le sont pas” (HARMAN, 2010, p. 16).

ou vários” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 16)¹⁰. Tudo somado, não explicamos nem o monismo e nem o pluralismo, mas tão só oscilamos entre uma e outra alternativa.

O *impasse um-vários fluxos* denuncia a incapacidade das filosofias do processo de explicar a emergência dos objetos. Este é o raciocínio de base de Harman: se o objeto for reduzido ao produto secundário de uma camada mais fundamental, ele nunca pode ser real de direito, uma vez que suprimimos sua dimensão autônoma e irreduzível às partículas físicas, processos ou qualquer outra unidade primária na sua origem.

Além de “por baixo”, os objetos podem ser reduzidos “por cima”. Harman nomeia esta segunda estratégia de *supraminação* (*ensevelissement/overmining*). Desta vez, diz ele, “objetos são importantes apenas enquanto eles são manifestações para a mente, ou são parte de algum acontecimento concreto que afeta outros objetos também” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 17)¹¹. No *empirismo*, os objetos são identificados com suas *manifestações correntes*, seu conjunto de qualidades, suas imagens na mente, em suma, com a correlação humano-mundo. Ainda que se pretenda realista, o empirismo não escapa de um *relacionismo*. Para filosofias como as de Whitehead, de Bruno Latour e do pragmatismo americano, sustenta Harman, a existência de uma coisa é identificada com seus efeitos e relações com outras coisas, não contendo nenhuma realidade interna de reserva (HARMAN, 2010, p. 19).

São as relações temporais de *permanência* e *alteração* que estão no Norte de Harman. Neste caso, seu raciocínio parte da ideia de que para que algo se altere em um objeto, é preciso que algo nele se conserve o mesmo. Sem esta condição, a cada vez, a casa seria a percepção particular que uma mulher, uma criança ou um corvo fez dela, nunca a *mesma casa*. Para que a “casa” possa existir, é preciso que ele seja “em si mesma”, aqui e agora, para além do conjunto de percepções que a circundam.

Na maior parte das vezes as duas estratégias andam juntas: “toda filosofia *subminação* precisa de um componente *supraminação* como suplemento, e vice-versa” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 21)¹². Nas filosofias dos “pequenos elementos” ou do

¹⁰ “Car si l’on dit que tel chien particulier ou que la lune est une simple abstraction arrachée à un flux plus profond, la question se pose encore de savoir si le monde est fait d’un ou de plusieurs flux” (HARMAN, 2010, p. 16).

¹¹ “Dans cette perspective, les objets n’ont d’importance qu’à la condition de se manifester à l’esprit ou bien de participer à quelque événement concret qui affecte en même temps d’autres objets” (HARMAN, 2010, p. 17).

¹² “Il apparaît, en effet, que toute philosophie qui démolit l’objet a besoin comme supplément d’un composant enseveli, et *vice versa*” (HARMAN, 2010, p. 21).

“Uno” os objetos reaparecem como “ilusões da experiência”. Nos “monismos do pré-individual”, dizemos que os objetos são derivações secundárias, cristalizações, estados provisórios de um devir mais fundamental. Inversamente, estratégias de *supraminação* postulam uma dimensão suplementar para explicar os objetos. Kant precisa da “coisa em si” para sustentar seu idealismo transcendental. Berkeley e Whitehead, diz Harman, “precisam positivar Deus como uma entidade especial capaz de correlacionar nossas percepções” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 22)¹³. Em todo caso, o saldo final é o mesmo: perdemos a camada intermediária composta por objetos autônomos, completa ele, “que são ao mesmo tempo individuais e também autônomos de toda percepção” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 22)¹⁴.

Do começo ao fim, a fórmula se repete: objetos são sempre mais do que seus processos e peças, objetos são sempre menos do que seus efeitos. Pois bem, o que é o objeto?

1.1. De volta ao objeto: a estrutura quádrupla

Como alternativa às estratégias de *subminação* e *supraminação*, Harman propõe a teoria da *estrutura quádrupla do objeto*. O primeiro polo da estrutura é dado pelo excesso ontológico que constitui o *objeto real*: “entidades se retiram em um subsolo silencioso enquanto ao mesmo tempo expõem a si mesmas à presença” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 48)¹⁵. A tese se funda em uma leitura *sui generis* da “análise do instrumento” de *Ser e Tempo* (1927), tópico do primeiro livro de Harman (2002)¹⁶.

De imediato, não nos preocupamos com a natureza de que a coisa é feita, mas com suas funções e efeitos. Utilizamos o martelo para pregar um parafuso, sem que a consciência das propriedades da madeira e do metal precisem interferir. Vez ou outra, uma circunstância

¹³ “Même Berkeley et Whitehead doivent poser Dieu comme une entité spéciale capable de corrélér toutes nos perceptions” (HARMAN, 2010, p. 22).

¹⁴ “Mais se elles rendent compte des couches inférieures et supérieures, elles manquent complètement la couche intermédiaire des objets autonomes qui sont bel et bien individuels et en même temps indépendants de toute perception” (HARMAN, 2010, p. 22).

¹⁵ “Heidegger reconnaît ces deux modes d’être fondamentaux, et *seulement* ces deux-là : les entités se retirent dans un sous-sol silencieux et en même temps elles s’exposent à la présence” (HARMAN, 2010, p. 48).

¹⁶ A partir do *instrumento*, Heidegger tematiza a interação primária das coisas. “Denominamos instrumento o ente que-vem-de-encontro no ocupar-se. No trato pode se encontrar o instrumento para escrever, para costurar, para trabalhar [ferramenta], para viajar [veículo], para medir. O modo-de-ser de instrumento deve ser posto em relevo” (HEIDEGGER, 2014, p. 211).

especial muda o foco da nossa atenção. Quando o martelo se quebra em meio a sua atividade, ele é deslocado do seu contexto usual. Nos chocamos com o fundo silencioso que faz deste objeto mais do que uma ferramenta de trabalho. Do “experimento mental” do martelo quebrado deriva o dualismo básico da OOO. De início, nos diz, “instrumentos não são ser-simplesmente-dado [*present-at-hand/Vorhandenheit*], mas manualidade [*ready-to-hand/Zuhandenen*]” (HARMAN, tradução nossa, 2002, p. 18)¹⁷. A importância da distinção está em trazer à tona um modo de ser *ativo* das entidades.

Como *manualidade*, uma “ponte” é fonte de inúmeras funções, como ser o local de uma travessia, de conversas ou até mesmo a plataforma que separa facções rivais. O essencial não é o “uso” do instrumento, mas sua capacidade de produzir “efeito”. A distinção tem como função sublinhar que os efeitos de uma ponte não se restringem ao domínio do uso humano, podendo assumir aspectos completamente diferentes na vida das gaivotas e dos insetos, nos terrenos e mares que ela conecta. O *ser-instrumento* testemunha a capacidade do objeto de exercer influência, impacto e efeito, independente do caráter mais preciso que estes efeitos podem ou não assumir. Mas não devemos concluir disso que “o instrumento é seu contexto” (HARMAN, 2002, p. 23).

A *manualidade* ensina que um objeto é irreduzível às suas partes e aos seus efeitos visíveis. Para que um mesmo instrumento seja capaz de exercer diferentes funções em diferentes sistemas, antes de mais nada, precisa deter uma dimensão *ativa*, uma camada invisível que se retira (*withdrawal* [*zurückziehen*]) das suas manifestações visíveis. Finalmente, contrariando a hegemonia dos comentários e o próprio Heidegger, Harman tira do *ser-instrumento* a cisão interior a todo e qualquer objeto: “(1) sua atividade velada irreduzível e (2) seu perfil sensível e explorável” (HARMAN, tradução nossa, 2002, p. 22)¹⁸.

O problema da *emergência* de entidades autônomas define o núcleo da argumentação pelo *objeto real*. Para que uma ponte possa emergir enquanto entidade, para que ela seja mais do que seus parafusos e cabos e menos do que um suporte de travessia, algo nela

¹⁷ “As a rule, tools are not present-at-hand, but *ready-to-hand*” (HARMAN, 2002, p. 18). Seguimos as traduções de *Vorhandenheit* como “ser-simplesmente-dado” e de *Zuhandenen* como “manualidade” disponíveis no *Dicionário Heidegger* (INWOOD, Michael. Dicionário Heidegger. Tradução de Luísa Buarque de Holanda, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 113).

¹⁸ “Thus, we find that there are two separate facets to equipment: (1) its irreducibly veiled activity, and (2) its sensible and explorable profile. In more familiar Heideggerian terms, there is the tool viewed “ontologically” and the same tool viewed “ontically” (HARMAN, 2002, p. 22).

tem que permanecer irreduzível às suas partes e relações. Nesse sentido, o objeto real determina o excesso “extra-relacional” no princípio da *emergência ontológica* das entidades.

O perfil sensível e explorável do objeto é dado pelo segundo polo da estrutura. Neste ponto, Heidegger abre espaço para Husserl. Harman retoma da fenomenologia a cisão entre *objeto sensitivo* e *qualidades sensitivas*. De um lado, o que se apresenta para nós são as qualidades da maçã, seu vermelho, dureza, doçura e suculência. Do outro lado, está a unidade do objeto intencional, patenteada por Harman pelo nome de *objeto sensitivo (sensual object)*. Não alcançamos a unidade do objeto nem ao contemplá-lo de todos os lados possíveis, nem ao reunir todas suas qualidades manifestas. O movimento é, antes, o inverso, diz ele: “O objeto é alcançado não somando suas possíveis aparências para nós, mas subtraindo essas insinuações” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 32)¹⁹.

Segue-se que o *objeto sensitivo* deve ser diferenciado das *qualidades sensitivas*, terceiro polo da estrutura de Harman (*sensual qualities*). A maçã não se reduz ao feixe de percepções ou ao conjunto das suas manifestações. Antes de converter-se em qualidades mentais, nossa experiência lida em primeiro lugar com objetos que estão unificados e são capazes de gerar certas impressões. A exata tonalidade de vermelho da maçã pode ser encontrada em uma camiseta ou lata de tinta, mas, mesmo assim, diz Harman, “as cores terão um sentimento diferente em cada um desses casos, uma vez que elas são vinculadas a coisa a que elas pertencem” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 18)²⁰. O mundo fenomenal é mais do que o produto da percepção e da consciência sobre as coisas. Os objetos e qualidades sensitivas formam uma zona sísmica ativa, continua ele, “onde objetos intencionais trabalham na surdina para se distinguirem das suas próprias qualidades” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 34)²¹.

Por fim, como quarto e último polo, o objeto deve possuir *qualidades reais*. Enquanto o objeto sensitivo não depende dos seus acidentes para existir, o contrário é

¹⁹ "L'objet n'est pas atteint en additionnant ses apparitions possibles pour nous, mais en *soustrayant* ces esquisses" (HARMAN, 2010, p. 32).

²⁰ "Même se l'ont peut retrouver l'exacte nuance de rouge de ma pomme quelque part dans les environs, sur une chemise ou dans un pot de peinture, les couleurs feront naître dans chaque cas un sentiment différent parce qu'elles sont liées à la chose à laquelle elles appartiennent" (HARMAN, 2010, p. 18).

²¹ "Le monde phénoménal n'est pas un sanctuaire idéaliste à l'abri des coups de la dure réalité, mais une zone sismique en activité où les objets intentionnels travaillent sourdement à se distinguer de leurs propres qualités" (HARMAN, 2010, p. 34).

verdadeiro para as qualidades reais. Em primeiro lugar, portanto, as qualidades reais são aquilo sem o qual seria impossível distinguir *este* martelo de outra coisa: “o martelo real não é uma unidade pura e vazia, mas tem uma infinidade de qualidades reais próprias” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 58)²². Segundo, as qualidades sensitivas se manifestam diretamente para nós, mas as qualidades reais não: “Um próton ou vulcão deve ter uma variedade de propriedades distintas, mas estas permanecem tão retiradas de nós quanto o próton e o próprio vulcão” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 36)²³. Segue-se que devemos evitar igualmente confundir a *qualidade real* com o *objeto real*.

Harman se vale da premissa do *princípio dos indiscerníveis* de Leibniz. Sem qualidades reais, a unidade do objeto real seria vazia, de forma que todo objeto seria intercambiável com qualquer outro. Um vulcão, um próton, ou um martelo se confundiriam em um fundo indiferenciado da substância. Sendo assim, mesmo que não tenhamos jamais um acesso direto e exaustivo das qualidades reais de um objeto, para garantir o pluralismo, supô-las é necessário: “cada objeto real deve ter uma infinidade de características reais” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 119)²⁴.

O cosmos harmaniano é feito de uma infinidade de objetos diversos. O que se mantém constante são os quatro polos que os estruturam. De um lado, o objeto real e suas qualidades reais como o que *se retira* (*withdrawal*) da manifestação para outros objetos. Do outro lado, o objeto sensitivo e as qualidades acidentais que constituem os objetos uns em relação aos outros. Resta aprofundar a permutação entre os quatro polos, isto é, como da tensão entre eles deriva uma teoria orientada ao objeto da *essência*, do *eidós*, do *espaço* e do *tempo*. Para o que vai nos interessar neste artigo, marquemos como a estrutura quádrupla encaminha os problemas da *causalidade* e do *tempo*.

²² "D'autre part, le marteau réel n'est pas une banale unité vide : il possède une multitude de qualités réelles qui lui son propres" (HARMAN, 2010, p. 58).

²³ "Un proton ou un volcan doit avoir tout un ensemble de propriété distinctes : toutefois, elles demeurent en retrait au même titre que le proton et le volcan eux-mêmes" (HARMAN, 2010, p. 36).

²⁴ "Leibniz avait raison lorsqu'il remarquait le paradoxe suivant : être, c'est être *un*, puisque l'objet réel doit être unifié ; cependant, à ce compte-là, une simple unité serait interchangeable avec n'importe quelle autre, et ainsi il n'y aurait pas deux monades différentes. Chaque objet réel doit donc avoir une multitude de traits réels" (HARMAN, 2010, p. 119).

1.2. Teoria orientada ao objeto da causalidade

Como aquilo que se retira (*withdrawal*), objetos reais nunca interagem diretamente uns com os outros. Como coloca Niki Young, “os objetos da OOO são todos unificados que, no entanto, emergem através das interações entre suas partes componentes” (YOUNG, 2021, tradução nossa, p. 91)²⁵. Ora, se a emergência dos objetos depende da interação das partes, se as partes são em última análise objetos, como algo poderia ser gerada por objetos que nunca se tocam? Em outras palavras, a noção de *withdrawal* proíbe a noção de emergência? (YOUNG, 2021, p. 91).

Harman não cai em contrassenso. De alguma maneira, diz ele, “objetos se relacionam sem se relacionarem, e apenas aqui o verdadeiro problema da causalidade surge” (HARMAN, 2008, tradução nossa, p. 382)²⁶. Dado que objetos nunca se tocam, sua interação deve ser buscada em uma *causalidade vicária*.

Acompanhamos a síntese de seis pontos proposta por Niki Young. Primeiro, objetos se relacionam graças a um mecanismo causal *vicário*. A interação se faz sempre por “procuração”, isto é, através da mediação de uma outra coisa. Na estrutura de Harman, esta outra coisa é o *objeto sensitivo* que traduz o objeto real em um perfil explorável. O segundo princípio é dado pelo *buffered* (“tamponado”) causal. Por serem mediados por objetos e qualidades sensitivas, os objetos reais podem manter sua individualidade, evitando que eles se dissolvam em um todo relacional indiferenciado (YOUNG, 2021, p. 91). A causalidade detém uma natureza *assimétrica*, em terceiro lugar. Por conta da mediação com o objeto sensitivo, mas também em razão da negação de qualquer relação recíproca entre duas entidades. Segundo a OOO, toda relação é sempre dupla, visto que supõe a maneira própria com que cada objeto se manifestará para outro objeto.

Os três princípios são explicitamente colocados por Harman ao longo de sua obra²⁷. Young acrescenta outros três que julga implicados na própria OOO. A causalidade é *binária*, ocorrendo exclusivamente entre dois objetos: “A causalidade também deve ser binária no sentido de que as interações, para Harman, ocorrem *exclusivamente* entre dois e somente dois

²⁵ « I have also argued that the objects of OOO are unified wholes which nevertheless emerge through interactions between their component parts » (YOUNG, 2021, p. 91).

²⁶ « Somehow, objects relate without relating, and only here does the true problem of causation arise» (HARMAN, 2008, p. 382).

²⁷ Cf. Harman, *L'object quadruple*, chapitre 5: “Causalité Indirect”.

objetos” (YOUNG, 2021, tradução nossa, p. 91)²⁸. Ela também é *alluring* (por atração), pois pode ser a fonte de uma fissura no vínculo entre o objeto sensitivo e suas qualidades sensitivas. As qualidades sensitivas podem ser atraídas para o objeto real de tal maneira que elas terminam apontando para seu ser mais profundo, mesmo que sem torna-lo diretamente presente. A ausência do *objeto que se retira* seria preenchida pelas qualidades sensitivas que aludem a ele. Esta é a fonte da emergência de uma entidade, diz Young, “composta por um objeto sendo atraído para outro por ter suas qualidades aludidas a ele” (YOUNG, 2021, tradução nossa, p. 92)²⁹. Enfim, concluímos com o princípio *estético* da causalidade. Assim como todas as interações ocorrem na superfície sensitiva das coisas, o mecanismo *allure* se apresenta como essencialmente estético. As qualidades sensitivas protagonizam a alusão de um objeto real a outro.

Young ilustra os seis aspectos pela interação entre o fogo e o algodão. A interação entre o fogo que queima o algodão é indireta, *vicária*. O fogo interage com o objeto sensitivo algodão, segundo os aspectos que lhe são pertinentes, e o inverso é verdadeiro para a maneira como o algodão apreende o fogo – certamente, como entidade desprovida dos órgãos dos sentidos, os odores ou cores do algodão não são pertinentes ao fogo, e vice-versa. Ainda, as caricaturas sensitivas agem como um amortecedor (*buffer*) entre as duas entidades, diz Young, “impedindo-as de se fundirem em um caroço indiferenciado” (YOUNG, 2021, tradução nossa, p. 92)³⁰. Não há relação recíproca entre dois *objetos reais*, mas duas relações *assimétricas*: uma em que o fogo queima o algodão, outra em que o algodão é queimado pelo fogo. A relação envolve apenas dois objetos, sendo, portanto, *binária*³¹. Além disso, pode ocorrer uma relação *alluring*, pois o fogo é capaz de mudar ou até de destruir o algodão, mas o faz tocando certas

²⁸ “Causation must also be binary in the sense that interactions, for Harman, occur exclusively between two and only two objects. Thus, in specific cases where more than two objects interact, this would either be the result of “a slow accretion of pairs of terms” or the product of “a central term that related independently with each of the others.” (YOUNG, 2021, p. 91).

²⁹ “its ability to present one real object to another in its absence through the medium of sensual qualities which fill in for its absence, and it is in this way that a new emergent entity is formed composed of one object being lured towards another one by having its qualities allude to it” (YOUNG, 2021, p. 19).

³⁰ “The sensual caricatures which the two entities present to one another also act as a buffer between them, preventing them from fusing into an undifferentiated lump” (YOUNG, 2021, p. 92).

³¹ Conforme foi indicado pelo parecerista deste artigo, o caráter binário da causalidade talvez seja o ponto mais frágil da leitura de Young. O ocasionalismo defendido por Harman supõe que, entre um objeto A e um objeto B, um terceiro objeto C deve servir de mediação. Esta é a maneira pela qual ele substitui a interferência divina do ocasionalismo tradicional (como o de Malebranche, por exemplo) por uma versão secular e orientada ao objeto de ocasionalismo.

qualidades dele, como sua qualidade inflamável. Uma terceira entidade pode emergir: “algodão queimado”. Nesse sentido, como coloca Harman, “a causalidade ocorre porque o fogo e o algodão se combinam em uma única nova entidade que então tem efeitos retroativos sobre ambos os seus elementos” (HARMAN, 2020, tradução nossa, p. 74-75)³². Por fim, destaca-se a dimensão estética da interação, visto que o ímpeto para sua interação ocorre por meio do sensitivo (YOUNG, 2021, p. 92).

2. Tempo sem temporalidade

A causalidade indireta leva ao coração da OOO. Lembremos do problema filosófico clássico a respeito da *passagem do tempo*. Se tomamos o tempo como a mera sucessão dos instantes de um relógio, conceber o movimento como a passagem de um instante a outro torna-se impossível. É célebre o paradoxo de Zenão: Aquiles nunca alcançará a tartaruga. Como fundar a continuidade entre instantes descontínuos?

Harman considera duas grandes respostas para o problema. Uma primeira saída é dada pela filosofia da *continuidade* de Bergson. A sucessão linear de instantes é reportada por ele à espacialização do tempo promovida pelo intelecto. Em um nível ontológico primário, porém, as coisas são mais *contínuas* do que *descontínuas*, elas mais *duram* do que *passam*. Para Bergson, diz Harman “a razão pela qual o tempo não é uma sequência de pontos do agora é porque não existe um agora isolado, nenhum quadro cinematográfico solitário distinto de todos os outros quadros” (HARMAN, tradução nossa, 2010, p. 65)³³.

A resposta inversa é dada pelas filosofias da *descontinuidade*. Harman faz de Heidegger o modelo da vez: “Mas para Heidegger o real problema com a sequência de pontos-agora não são os agoras, mas a *sequência*” (HARMAN, tradução nossa, 2010, p. 65)³⁴. Diferente do que sugere o título, *Ser e tempo* não teria como centro a prioridade temporal do ser, mas a riqueza do próprio instante individual. Na visão de Harman, Heidegger e Bergson

³² “causation occurs because fire and cotton combine into a single new entity that then has retroactive effects on both of its elements » (HARMAN, 2020, p. 74-75).

³³ “Pour Bergson, la raison pour laquelle le temps n’est pas une suite de maintenanants ponctuels, c’est qu’il n’existe pas une suite des maientenants ponctuels, c’est qu’il n’existe pas de maintenat isolé, aucune image, aucun plan cinématographique solitaire et distinct de toutes les autres images” (HARMAN, 2010, p. 65).

³⁴ “Mais pour Heidegger, le vrai problème dans cette suites de points, ce ne sont pas les maintenanants, mas la séquence” (HARMAN, 2010, p. 65).

encaminham soluções completamente opostas. Na verdade, diz ele, “Heidegger pode até ser identificado com a tradição da filosofia ocasionalista, uma vez que ele está perfeitamente disposto a isolar momentos uns dos outros” (HARMAN, tradução nossa, 2010, p. 67)³⁵.

Em última análise, Harman concebe o passado e o futuro do ponto de vista do presente. Em cada instante, uma tensão dinâmica entre duas direções do tempo se instaura. Na sala em que me encontro agora, o que me circunda no momento presente vem ao meu encontro: a mesa de jantar, o laptop sobre ela, a caneca de café ao seu lado, a cadeira em que estou sentado, bem como o piso que a sustenta. Nem uma coisa nem outra é uma criação minha, pois antes, diz Harman, “eles são dados no ambiente desde o exato momento em que cheguei” (HARMAN, 2010, tradução nossa, p. 65)³⁶. Os objetos na sala, por sua vez, não se confundem com presenças estáticas. Eles aparecem segundo a maneira como suas qualidades se manifestam para mim, da mesma forma como um cachorro não traduz a sala de estar da mesma forma que eu. Ou seja, o presente carrega duas direções simultâneas: as entidades pré-existentes que estão dadas e as projeções com que elas se apreendem umas às outras. Os dois momentos definem o que a OOO entende por “passado” e por “futuro” (HARMAN, 2010, p. 65).

O passado representa o que nos é dado no momento presente, das massas físicas da sala aos corpos que a ocupam. O futuro se adiciona ao passado pelos objetos que encontram este conjunto prévio de objetos: como a sala se traduz para mim ou para meu cachorro. Passado e futuro constituem, assim, a ambiguidade característica de cada instante presente. Desta forma, ao invés de postular um fluxo contínuo do tempo, antes o subordinamos às três direções inerentes à existência de um objeto: o dado (passado), suas projeções (futuro) e a reunião das duas em cada instante (presente).

Ao concebermos o tempo do ponto de vista do presente, resta admitir que o passado e futuro se esgotam na multiplicidade de cada objeto presente. Contudo, podemos nos perguntar até que ponto uma dimensão suplementar do tempo não é requerida. Afinal, se o passado e o futuro são dimensões do próprio presente, como pode o presente interagir e se relacionar com outros presentes? Como um objeto pode *emergir*, *mudar* ou *permanecer* o mesmo se ele não habita outro tempo além do seu próprio presente?

³⁵ “En fait, on peut même identifier Heidegger avec la tradition de la philosophie occasionnaliste, puisqu’il isole volontiers les instants les un des autres” (HARMAN, 2010, p. 67).

³⁶ “Je ne crée pas le mobilier : il est là dans la pièce depuis le moment de mon arrivée” (HARMAN, 2010, p. 65)

A OOO se insere na *tradição ocasionalista do tempo*. Se o fundo real do objeto é dado por aquilo que *se retira* de toda relação, por princípio há um “*gap*” entre as entidades, uma discrição fundamental no estofado do universo. O impasse entre *contínuo* e *descontínuo* se desloca para o problema da interação dos objetos: como objetos isolados podem se comunicar?

Graças à teoria da *causalidade indireta*, Harman pretende suprimir qualquer interferência divina como fonte da interação entre os objetos. As entidades se relacionam, ao mesmo tempo que mantêm uma camada “extra-relacional” que as tornam irreduzíveis umas às outras. Eis que somos obrigados a sustentar uma doutrina fundamentalmente fenomenal do tempo.

O *espaço* e o *tempo* normalmente são dotados de precedência em relação aos objetos, independente da natureza, dimensão ou estrutura que lhes atribuímos. Em todo caso, é simplesmente assumido que o espaço e o tempo são um continuum, “sem amigo ou rival” (HARMAN, tradução nossa, 2010, p. 114)³⁷. Esta presunção não pode ser aceita por Harman. Para não comprometer seu princípio de base, a OOO tem que ser capaz de oferecer uma teoria do espaço e do tempo que preserve a prioridade ontológica dos objetos. Para nossos fins, nos limitemos à questão do tempo.

Por *tempo*, Harman entende as experiências ordinárias de *alteração* e de *permanência* das coisas: “Quando falamos de tempo no seu sentido mais ordinário, estamos nos referindo a uma notável interação de estabilidade e mudança” (HARMAN, tradução nossa, 2010, p. 114)³⁸. As coisas variam em nossa experiência segundo os diferentes efeitos, cores, tamanhos e formas com que elas se apresentam para nós. Nestes termos, a *mudança* responde ao caráter acidental e cambiante das *qualidades sensitivas*. Inversamente, estas mesmas qualidades supõem *objetos sensitivos* duráveis que as suportam, objetos constantes que as observam. Portanto, mais do que uma realidade fundamental, o tempo é o resultado da tensão entre *objeto sensitivo* e *qualidade sensitiva*. Daí a ideia de um “tempo sem temporalidade”: o que sustenta a *emergência*, *alteração* e *permanência* das entidades é o objeto real que se retira da sua manifestação sensitiva. Ou seja, trata-se de um objeto que, por si mesmo, não é temporal.

³⁷ “Mais on s’en tient, dans tous les cas que nous avons énuméré, à la supposition que l’espace et le temps sont chacun un continuum, échappant à toute comparaison, sans ami et sans rival” (HARMAN, 2010, p. 114).

³⁸ “Lorsque l’on parle du temps au sens le plus ordinaire, on se réfère à cette remarquable interaction qui existe entre la stabilité et le changement” (HARMAN, 2010, p. 114).

2.1. O impasse do tempo e o efeito bumerangue

A concepção de tempo proposta por Harman é alvo de duras críticas. Em *Speculative Realism* (2014), Peter Gratton sugere que a OOO corre o risco de reafirmar o próprio *idealismo* que se queria confrontar. Não sendo mais do que a dimensão da manifestação sensitiva das coisas, é forçado concluir que não existe temporalidade no objeto real. Portanto, afirma Gratton, “O tempo seria, no sentido estrito, ‘ilusório’” (GRATTON, 2014, tradução nossa, p. 99)³⁹. Peter Wolfendale conduz uma objeção semelhante em *Object-oriented Philosophy- The Noumenon’s New Clothes* (2014). As tensões que constituem o “espaço” (objeto real-qualidade sensitiva) e o “tempo” (objeto sensitivo-qualidade sensitiva) são pensadas em termos de “mudanças” temporais e, portanto, “pressupõem um tempo mais profundo” (WOLFENDALE, 2014, tradução nossa, p. 198)⁴⁰. Ambas as críticas convergem neste ponto: se os objetos reais estão “fora do tempo”, eles mesmos não podem ser atravessados por relações temporais de emergência, de permanência e de mudança. Ao contrário, estas relações são sempre secundárias, manifestações de objetos mergulhados em um fundo, a princípio, *atemporal*. Mesmo que Harman insista que suas substâncias não são entidades eternas e fixas, ao ligar a *emergência* com o campo *withdrawn* dos objetos, ele é obrigado a elaborar uma causalidade que ignora o estrato temporal que ela supõe, isto é, “a fundação pré-teórica sobre a qual ela se constrói” (WOLFENDALE, 2014, tradução nossa, p. 199)⁴¹.

O próprio Harman se deixa sem opção. Qualquer prioridade conferida ao tempo redundaria para ele na estratégia de *subminação* dos objetos, levando a filosofia para o impasse um-vários fluxos. Contudo, ao propor o *objeto real* como alternativa, nos parece que ele tão só substitui um impasse por outro. Afinal, ou o tempo é a manifestação superficial da tensão entre

³⁹ “If time is but the sensuous, it cannot touch the reality of the thing itself, and he himself notes there is no correspondence between the thing itself and its sensuous objecthood or qualities. Time would be, in the strictest sense, ‘illusory’” (GRATTON, 2014, p. 99).

⁴⁰ “This subordination of time’s extent to objects’ persistence simply presupposes a deeper time in which they might or might not persist—a time whose logic is indistinguishable from the everyday time out of which this metaphysical question arises. Harman’s ‘time’ is thus not only not what we usually mean by the word, but is actually parasitic upon it—‘time’ makes sense only insofar as we implicitly understand time but refrain from explicitly thematising it.” (WOLFENDALE, 2014, p. 198).

⁴¹ “These real changes and the time they presuppose are explicitly not accounted for by what passes for ‘time’ at the level of sensual change, and are treated as mysterious enough to demand a whole new theory of causation. In essence, the rift between changes that belong to the seamless functioning of an existing apparatus (surface ‘time’) and the changes that belong to the erupting malfunctions that disrupt and reconfigure these regimes (deep time) is not a theoretical consequence of Harman’s metaphysical system, but the pre-theoretic foundation upon which it is built” (WOLFENDALE, 2014, p. 199).

objetos sensitivos e suas qualidades sensitivas, ou os objetos supõem relações reais de geração e corrupção no tempo. Ao mantermos o objeto real no princípio ontológico, temos dificuldade em explicar suas relações de emergência, alteração e permanência, pois, como apontam Gratton e Wolfendale, estas relações seriam mera ilusão sem um tempo mais profundo onde os objetos se desenrolam. Mas se devolvemos a temporalidade do tempo, precisamos suspender a própria tese da qual depende toda a OOO, tendo em vista que concedemos ao tempo uma anterioridade ontológica em relação aos objetos reais que emergem no mundo.

Em razão da sua doutrina do tempo, a OOO está condenada a um *efeito bumerangue*. A crítica às filosofias do processo termina invariavelmente se voltando contra ela mesma, pois, para resolver o impasse um-vários fluxos, a OOO supõe precisamente aquilo que deveria explicar. Em última análise, *O impasse do tempo* traz à tona o círculo vicioso do *objeto withdrawn*. Objetos são irreduzíveis às suas partes e relações, uma vez que supõem uma unidade ontológica primária. Mas se objetos supõem uma unidade primária, isso ocorre justamente porque são irreduzíveis às suas partes e relações. O objeto é tanto o que emerge da irreduzibilidade ontológica do objeto real, quanto o que explica e emergência de objetos reais ontologicamente irreduzíveis. Ou seja, o objeto real é tanta a causa, quanto o efeito da emergência de entidades autônomas. Como escapar do círculo? Como explicar a emergência dos objetos sem pressupô-los de antemão?

3. OOO e a temporalidade do tempo

Duas alternativas mais gerais se bifurcam quando o assunto é o impasse do tempo. Em uma primeira frente, a saída do impasse é colocada nos termos de uma ruptura com a doutrina do objeto withdrawal, enquanto uma segunda via nos é dada pela tentativa de aprofundá-la, desde seu interior.

A causalidade indireta parte da premissa de que os objetos reais não podem entreter relações diretas uns com os outros. Uma primeira direção de pesquisa consiste em problematizar esta premissa de base através de uma reabilitação do realismo do tempo. Três casos podem servir para introduzir esta linha de pensamento

Em *Being Up For Grabs* (2016), Hilan Bensusan opõe à OOO um modelo monadológico de ontologia que passa por um aprofundamento da via processual. Seu argumento visa uma reavaliação da doutrina harmaniana do objeto withdrawal. Diz ele: “o que é retirado [withdrawn] sobre uma mônada de toda outra mônada é a composição de associações

que ela tem com todas as outras” (BENSUSAN, 2016, tradução nossa, p. 130)⁴². Toda mônada supõe um “ponto cego”, uma vez que algo escapa da perspectiva finita com que traduz um universo infinito. O que se retira, porém, não reporta para uma substância oculta, mas também não diz respeito a um simples déficit epistemológico das mônadas. Para Bensusan, trata-se antes da contínua interpenetração que age incessantemente sob todas as coisas. Quer dizer, o excesso se confunde com o fora de foco. Nestas condições, para conceber a interação entre os objetos precisamos nos deslocar para uma concepção cosmológica do tempo como o que excede a configuração atual e a clausura das mônadas. A “vida secreta” dos indivíduos não vem do seu interior, diz Bensusan, “mas sim da vastidão (barroca) das conexões entrelaçadas” (BENSUSAN, 2016, tradução nossa, p. 130)⁴³.

Sem entrarmos nos detalhes da orientação monadológica, notemos como Bensusan compartilha do nosso diagnóstico mais geral. O que se quer evitar é o efeito bumerangue: abdicar de um substrato transcendente não implica o abandono do pluralismo de objetos reais, mas impõe que a emergência do objeto real seja explicada ao invés de pressuposta. Nas suas palavras: “(...) a permanência não revela um mecanismo substancial subjacente às composições. A permanência deve ser explicada em vez de hipostasiada como necessidade” (BENSUSAN, 2016, tradução nossa, p. 131)⁴⁴.

Uma objeção análoga pode ser encontrada no livro de Steven Shaviro, *The Universe of Things – on Speculative Realism* (2014). A constatação do impasse que assola a doutrina do withdrawal fornece o pano de fundo da sua recuperação da filosofia de Whitehead. Quando Harman assume uma subordinação unilateral das relações aos objetos, ele termina conduzido para dificuldades intransponíveis. Diz Shaviro: “Harman tende a subestimar a importância da mudança ao longo do tempo, assim como subestima a vivacidade e a extensão das relações entre as entidades” (SHAVIRO, 2014, tradução nossa, p. 36)⁴⁵. Ao suprimir a temporalidade

⁴² “Withdrawal, therefore, has to be worldly as well – what is withdrawn about a monad from any other monad is the compositional associations it has with all the others.” (BENSUSAN, 2016, p. 130).

⁴³ “Because there is no view from nowhere, each monad always has something withdrawn from each of the others, but doesn’t hide the same secret from all of them. Its secret life comes not from inside, but rather from the (baroque) vastness of the intertwined connections” (BENSUSAN, 2016, p. 130).

⁴⁴ “The Simondonian lesson indeed applies to the monadology of fragments: permanence of sponsorship must be explained, for permanence doesn’t unveil a substantial mechanism underlying compositions. Permanence must be explained instead of hypostasized as necessity” (BENSUSAN, 2016, p. 131).

⁴⁵ “This means that Harman tends to underestimate the importance of change over the course of time, just as he underestimates the vividness and the extent of relations among entities” (SHAVIRO, 2014, p. 36).

do tempo em nome da irredutibilidade dos objetos, o próprio problema da emergência se torna obscuro. Harman apela para o surgimento de qualidades submersas nas profundezas dos objetos, completa Shaviro, “mas não explica como esses objetos surgiram ou como suas propriedades ocultas chegaram lá em primeiro lugar” (SHAVIRO, 2014, tradução nossa, p. 37)⁴⁶. Mais uma vez, constatamos o que chamamos de efeito bumerangue: a acusação segundo a qual orientação processual não dá conta da emergência de entidades autônomas se volta contra ela mesma, pois, como alternativa, Harman pressupõe o objeto real ao invés de explicar a sua gênese.

Podemos incluir por fim o artigo de Levi Bryant, *The Interior of Things: the Origami of Being* (2016). Bryant detecta uma incoerência na causalidade indireta proposta por Harman. Afinal, se os objetos reais não se tocam, diz ele, “se eles são todos selados à vácuo, eles não se relacionam de nenhuma maneira” (BRYANT, 2016, tradução nossa, p. 7)⁴⁷. Como efeito colateral, perdemos a dimensão do Ser envolvida com processos e com a emergência dos objetos, o que ele chama de “dimensão ecológica do ser” (BRYANT, 2016, p. 7). O que preocupa Bryant é o mesmo que preocupava Bensusan e Shaviro: o efeito bumerangue. Ao tornar as relações secundárias, a doutrina do withdrawal esbarra em um impasse que devolve para Harman as objeções que ele mesmo levanta contra as filosofias do processo. A tentativa de preservar os objetos, conclui Bryant, “nos leva a abandonar a emergência, processo e ecologia” (BRYANT, 2016, tradução nossa, p. 9)⁴⁸.

Nesta primeira frente, constatamos diferentes críticas circunscritas sobre requisitos comuns. Em vez de partir do isolamento do objeto real, o que se retira é reportado para a temporalidade que suporta relações reais de emergência, permanência e alteração entre os objetos. Portanto, trata-se de propor uma ruptura com a doutrina do objeto withdrawal. Por outro lado, em uma segunda frente, o impasse do tempo enseja tentativas não de romper, mas de aprofundar a OOO desde seu interior.

⁴⁶ “Harman accounts for change by appealing to the emergence of qualities that were previously submerged in the depths of objects, but he does not explain how those objects came to be or how their hidden properties got there in the first place” (SHAVIRO, 2014, p. 37).

⁴⁷ “First, at the most basic level, his account of vicarious causation seems incoherent. Claiming that the squirrel relates to a sensuous tree rather than a real tree gets us no further because we still don't understand how the sensuous tree can possibly relate to the real tree. It would seem that you can't have it both ways. If all objects are absolutely withdrawn from one another, if they are all vacuum sealed, they don't relate in any way” (BRYANT, 2016, p. 7).

⁴⁸ “Our attempt to preserve objects led us to abandon emergence, process, and ecology” (BRYANT, 2016, p. 9).

Arjen Kleinherenbrink resumiu o essencial do problema (2019). Para salvar a OOO das objeções de Gratton e de Wolfendale, precisamos cumprir com três requisitos. É necessário autorizar a produção, alteração e aniquilação de objetos reais e qualidade reais (I), conceber a temporalidade das ligações da estrutura quádrupla (II) e a temporalidade da persistência dos objetos (III). Tudo isso, coloca ele, “mas sem postular um tempo que existiria além e aquém dos objetos, dado que isto violaria a tese de que os objetos são os constituintes básicos da realidade” (KLEINHERENBRINK, 2019, tradução nossa, p. 545)⁴⁹.

Partindo de *Lógica do Sentido* (1969), de Gilles Deleuze, Kleinherenbrink sugere que a OOO pode ser conciliada com a teoria da dupla estrutura do tempo de Deleuze sem que, para tanto, seja preciso abdicar da primazia ontológica dos objetos. Outro argumento em defesa da OOO pode ser dado pela emergência orientada ao objeto proposta por Niki Young (2021). Como vimos, para Young, a doutrina do withdrawal não é incoerente, mas antes exige um aprofundamento da causalidade vicária proposta por Harman.

Enfim, o próprio Harman não deixa de abordar o problema. Em *Skirmishes: with friends, enemies, and neutrals* (2020), ele responde tanto a Gratton e Wolfendale, quanto a Shaviro e Bryant. Em linhas gerais, da perspectiva da OOO, todo problema em conceber um substrato temporal está em conceder primazia para causalidades diretas na interação entre os objetos, legando o caráter interno dos objetos para o plano das experiências destas mesmas relações. Harman insiste que o contrário é o verdadeiro: “O que Bryant e Shaviro perdem com isso é que a relação indireta não é apenas um resultado, mas também um ponto de partida” (HARMAN, 2020, tradução nossa, p. 82)⁵⁰.

Em resposta, Harman tão só repõe seu raciocínio. Se não há, desde o início, algo que se retira do elefante e da maçã, então não há elefantes e maçãs autônomas para se relacionarem entre si. Portanto, as relações são sempre indiretas, pois elas são mediadas pelas

⁴⁹ “A modified version of Harman’s theory of time must therefore meet at least three criteria. First, it must allow for the production, alteration, and annihilation of real objects with real qualities, and do so in a way that implies neither undermining nor overmining (recall Harman’s thesis that real change is rare, such that objects are not swept away by their engagements). Second, it must allow the ten links between aspects of the fourfold to be temporal, because these links refer to what happens in reality. Third and finally, it must account for the persistence of objects, but without positing a time that would exist over and above objects, as this would violate the thesis that objects are the basic constituents of reality.” (KLEINHERENBRINK, 2019, p. 545).

⁵⁰ “What Bryant and Shaviro both miss thereby is that indirect relation is not just a result, but also a starting point. We cannot say that the apple and elephant touch at some point and only then are locked inside themselves. This is a duplicitous solution to a unified problem, one that equally effects both the initial contact of elephant with apple and their ability to perceive one another” (HARMAN, 2020, p. 82).

manifestações sensitivas de objetos primordialmente “extra-relacionais”. Em relação ao ciclo vicioso que levantamos a pouco, Harman diria simplesmente que há uma regressão infinita que deve ser abraçada. Sim, supomos o objeto real, mas este, por sua vez, supõe outros objetos reais, de maneira que nunca chegaremos ao ponto original ou final da série. Se aceitamos estes termos, a causalidade vicária entra em cena como única alternativa possível para conceber como os objetos podem emergir, se alterar e permanecer os mesmos sem tocarem diretamente uns nos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso levantamento exigiria um aprofundamento que escapa ao escopo deste artigo. Em cada caso, seria necessário desdobrar o avesso positivo no horizonte das críticas dirigidas por Gratton, Wolfendale, Bensusan, Shaviro e Bryant, bem como aprofundar as contra críticas de Kleinherenbrink, Young e do próprio Harman. De toda forma, o impasse do tempo se impõe como o eixo comum na organização deste debate. Duas saídas opostas se bifurcam segundo diferentes requisitos.

Por um lado, atesta-se a necessidade de reabilitar um realismo do tempo para além da OOO. Neste caso, três requisitos básicos precisam ser satisfeitos: não só conceber uma temporalidade mais profunda dos objetos (I), como também garantir a autonomia relativa das entidades (II), de maneira que relacionalidade e individualidade se reúnam em um mesmo plano ontológico (III). Inversamente, busca-se uma saída em sintonia com a doutrina do objeto withdrawal. Neste último caso, os requisitos apontados por Kleinherenbrink tocam no essencial do problema. Sem violar a prioridade do objeto real sobre a manifestação sensitiva do tempo, é preciso autorizar a produção, alteração e aniquilação de objetos reais e qualidades reais (I), conceber a temporalidade das ligações da estrutura quádrupla (II) e a temporalidade da persistência dos objetos (III).

A questão da “temporalidade do tempo” deve ser alvo de desenvolvimento futuros tanto de Harman quanto de seus seguidores e de seus críticos. Se estivermos certos, trata-se de um eixo de pesquisa que tende a ser cada vez mais central, uma vez que ele toca em um ponto crítico da OOO. Para quais caminhos este debate será levado, isso só o tempo dirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENSUSAN, H. **Being up for grabs: On Speculative Anarcheology**. London: Open Humanities Press, 2016.
- BRYANT, L. **The Interior of Things: The Origami of Being**. *Przeegląd Kulturoznawczy* 29 (3), 2016.
- BRYANT, L. **The democracy of objects**. Open Humanities Press, 2011.
- GRATTON, P. **Speculative Realism – Problems and Prospects**. London: Bloomsbury, 2014.
- HARMAN, G. **Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects**. Illinois: Open Court Press, 2002.
- HARMAN, G. **L'Objet quadruple: Une métaphysique des choses après Heidegger**. PUF: 2010.
- HARMAN, G. **Skirmishes: With Friends, Enemies, and Neutrals**, Punctum books: 2020.
- HARMAN, G. **DeLanda's ontology: assemblage and realism**. *Continental Philosophy Review*, 41, 367–383, 2008. <https://doi.org/10.1007/s11007-008-9084-7>
- HARMAN, G. **On the Undermining of Objects: Grant, Bruno, and Radical Philosophy**. Em : *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*, edited by Levi Bryant, Nick Srnicek, and Graham Harman, 21–40. Melbourne: Re.Press, 2011.
- INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Tradução de Luísa Buarque de Holanda, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 113.
- KLEINHERENBRINK, A. **The Two Times of Objects: A Solution to the Problem of Time in Object-Oriented Ontology**. *Open Philosophy* 2019; 2: 539–551. <https://doi.org/10.1515/opphil-2019-0038>
- SHAVIRO, S. **The Universe of Things**. Minneapolis, U of Minnesota P, 2014.
- WOLFENDALE, P. **Object-Oriented Philosophy – The Noumenon's New Clothes**. Falmouth: Urbanomic, 2014.
- YOUNG, N. **Object, Reduction, and Emergence: An Object-Oriented View**. *Open Philosophy* 2021; 4: 83–93. <https://doi.org/10.1515/opphil-2020-0159>

YOUNG, N. **Only Two Peas in a Pod: On the Overcoming of Ontological Taxonomies.**
Symposia Melitensia 17 (2021a), 27–36.